



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ - UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - PAA**

**UMA DESCRIÇÃO SOBRE IGREJAS NO MODELO DE *CÉLULAS*, UMA  
ANÁLISE ANTROPOLÓGICA.**

**DIEGO DARLISSON DOS SANTOS SOUSA**

**Santarém  
2016**

**DIEGO DARLISSON DOS SANTOS SOUSA**

**UMA DESCRIÇÃO SOBRE IGREJAS NO MODELO DE CÉLULAS, UMA  
ANÁLISE ANTROPOLÓGICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Programa de Antropologia e Arqueologia,  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Antropologia; Universidade Federal do Oeste  
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.  
Orientadora: Raiana Mendes Ferrugem

**Santarém**

**2016**

**DIEGO DARLISSON DOS SANTOS SOUSA**

**UMA DESCRIÇÃO SOBRE IGREJAS NO MODELO DE CÉLULAS, UMA  
ANÁLISE ANTROPOLÓGICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Programa de Antropologia e Arqueologia,  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Antropologia; Universidade Federal do Oeste  
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.

Conceito: \_\_\_\_\_

Data de Aprovação 25/02/2016

---

Msc. Raiana Ferrugem Mendes - Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Msc. Camila Pereira Jácome  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Dr. Pedro Fonseca Leal  
Universidade Federal do Oeste do Pará

A meu irmão, David Denisson dos Santos Sousa

*in memoriam.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares por sempre terem me ajudado e acreditado em mim, em especial à minha mãe, Nelma Sousa e ao meu pai Adaildo Sousa meus entusiastas na busca de meus ideais.

A minha esposa, Carla Mিকেle, minha motivação, que todo dia me ensina o verdadeiro significado do amor e a ser uma pessoa melhor. Por ter sido suficientemente capaz de embarcar nessa empreitada ao meu lado. Obrigado por você existir!

A meus irmãos, Deniton e Daiane, além de meus avós Ismael e Neiva. A meus sogros, Francisco e Jucilene por ter confiado a mim sua filha. A meus tios e tias, Nilcivaldo, Nelcilene, Niney, Noelma, Noelson, Adilson, Adenilson, e Andresa que graças ao curso compreendi sua elementaridade. Á irmã de meu pai Neneleusa e seu esposo Rosivaldo, e seus incentivos financeiros que vem acompanhando toda minha vida escolar, sou muitíssimo grato.

Agradeço aos colegas do PAA que sempre contribuíram de alguma maneira na minha trajetória universitária: Aldo Luciano (por me proporcionar a primeira ida a campo), Carlos (Macarrão, um híbrido, meio PAA meio PROGES), Carlyne (bem que poderia está de fora dessa lista), Elber (da juta), Edu (do puxirum), Emília (ticadora), Ramires (o migrante), Manuelle (a parteira), Juliana (do GCEM), Verônica (da festa de São Pedro), Newton Mekuci por suas milagrosas manutenções na área da TI, a Jaime Wai Wai, Walter Wai Wai, Beni Wai Wai, Roque Wai Wai, Eliano Munduruku, Luana Kumaruara pelas constantes aulas sobre alteridade.

E claro agradeço à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) por todas as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos no meio acadêmico, nesse período que estive aqui. A PROEN e PROGES por financiarem as duas bolsas durante grande parte dessa graduação.

Agradeço imensamente a meus amigos que conheci no CFI e hoje estão nos vários cursos da Ufopa me acompanham até hoje, pela descontração, pelas horas de risos sem motivo, por estarem comigo no momento de perda e nas conquistas: Diego Neves (meu compadre), Barbara, “diego” Raylan, “diego” Elvis, Diego Coradini, “diego” Dailson, Monteles, João Paulo.

Também sou imensamente grato a todos os servidores do PAA aos técnicos Rafael, companheiro em minha pesquisa inicial, a Greyce e Leandro, e principalmente a Fabrício que conseguiu contrariar o onipotente SIGAA, quando este se recusava a fazer minha matrícula no curso. Aos professores, que colaboraram para minha formação: da Arqueologia Raoni Valle, Gabriela Prestes, Myrtle Shock, Claide Moraes, Anne Rapp Py-Daniel, Camila Jácome, Lilian Rebellato, Bruna Rocha e Cinthia Moreira.

Agradeço em especial aos meus professores de Antropologia, Pedro Leal, Florêncio Vaz, Carla Ramos, Lucybeth Arruda, Ângela Garcia, Luciana França, Luciana Carvalho, Rubens Elias, Helena Schiel por me ensinarem as teorias e as práticas do mundo da Antropologia. Muito obrigado!

Agradeço aos professores Stelio Marras e Eduardo Neves pela amigável acolhida na Universidade de São Paulo, pela experiência no período que participei da mobilidade externa temporária, também sou grato aos amigos que fiz no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE): Talbaté, Emerson, Eduardo Barba, Guilherme gaúcho, Laura.

Tenho muito a agradecer ao professor Paride Bolletin (Bateson), por ter me apercebido das possibilidades da Antropologia, aos não poucos cigarros (*agentes*, diria ele) que possibilitaram conversas esclarecedoras sobre uma possível antropologia da vida. Por ter me dado várias das oportunidades que tive no meu percurso no curso de Antropologia e pelo conhecimento externado. A professora Raiana Ferrugem finalmente, por ter aceitado conduzir

a orientação do meu trabalho de conclusão de curso, mesmo sabendo das várias dificuldades que certamente encontraríamos. Muito obrigado!

“Mas há uma afirmação que se pode fazer com bastante confiança: arriscam-se muito aqueles que negligenciam o fator religioso em suas análises das questões contemporâneas.”

*Peter Berger (2000:23)*

## RESUMO

Os pentecostais e a forma pela qual expressam e arregimentam fiéis para suas denominações, apontam para uma possível forma de compreender a tomada de espaços políticos por grupos evangélicos. O recente “modelo de células” adotado por algumas dessas igrejas, dentre essas a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) baseia seus princípios na “batalha espiritual” como tomadas de espaço (casas, Congresso). Representam uma forma eficiente de dominar através da “crença” e expressam o “desejo” proselitista dos grupos globalizantes e retomam a discursão no entorno da secularização e dessecularização do mundo moderno. O trabalho foi desenvolvido através de entrevistas informais, visitas a bibliografia da IEQ, três entrevistas formais (suficiente para nos demonstra a infelicidade dessa escolha) acompanhada de observação participante a encontros, promovidos pela Igreja nos anos de 2014 2015. Tais aspectos complementares adotados na “visão celular”. Forma de organização por células; e um carácter “revolucionário” dado pela fé, através de “atos proféticos”. Tomados como monadas de Tarde (2007) e células assumidas como tal, exemplificam o estar no mundo em suas diferentes formas.

**Palavras-chave:** Pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular, Modelo de Células, Política.

## ABSTRACT

Pentecostals and the way in which they express and regiment faithful to their names, point to a possible way to understand the decision- political spaces by evangelical groups. The recent "cell model " adopted by some of these churches , among these the Church of the Foursquare Gospel bases its principles on " spiritual warfare " as taken from space ( homes, Congress ). They represent an efficient way to break through the "belief" and expressed the "desire" proselytizing of globalizing groups and resume increasing discussion surrounding the secularization and de-secularization of the modern world. The work was developed through informal entrevistas, visits the bibliography of church, three formal interviews (enough demonstrates the unhappiness that choice) accompanied by participant observation at meetings , promoted by the Church in the years 2014, 2015. Such complementary aspects adopted in the "cell vision". Organization formed by cells; and a character "revolutionary" given by faith , through " prophetic actions " . Taken as monads Tarde (2007) and cells taken as such, exemplify being in the world in its different forms.

**Key words:** Pentecostal , Church of the Foursquare Gospel, Cell Model, Politics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Organograma da IEQ em nível estadual .....	15
Figura 02 - Mapa histórico das igrejas Evangélicas adaptado .....	23
Figura 03 - Esboço da organização da igreja em nível local.....	40
Figura 04 - Localização da Igreja, ponto central de atuação.....	42
Figura 05 - Localização da Igreja e células, emergência de pontos de atuação.....	43

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR (IEQ) E OS MUITOS PENTECOSTALISMOS.....	20
1.1. PENTECOSTALISMO E O MODELO DE CÉLULAS: RECORRÊNCIA DE CULTO NOS LARES.....	29
1.2. HISTÓRICOS DAS IGREJAS EM CÉLULAS E OS MODELOS TRADICIONAIS.....	34
CAPÍTULO 2. DOS CULTOS NOS LARES ÀS CÉLULAS.....	37
2.1 ESPACOS OCUPADOS PELAS IGREJAS NO MODELO DE CÉLULAS.....	37
2.2 <i>COMUNHÃO</i> , COMER JUNTO E PRODUZIR PARENTESCO.....	44
CAPÍTULO 3. OS PENTECOSTAIS NA POLÍTICA PARTIDÁRIA.....	50
3.1 O NÓS QUE EXISTE NELES.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

## **INTRODUÇÃO.**

### **CONSTRUÇÃO DO OBJETO.**

Durante os anos de 2013 e 2014 acompanhei várias reuniões, encontros, cultos, seminários realizados pela Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) no bairro da Prainha na cidade de Santarém<sup>1</sup> (PA). Instigado pelo primeiro exercício de pesquisa no curso de graduação em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará, depois de discussões iniciais na disciplina “Introdução à Etnografia” sobre o fazer antropológico e a centralidade do trabalho de campo, como rito de passagem. Fomos convidados, a “etnografar” uma situação “*familiar*” à nós. Já que no decorrer da disciplina demonstramos ter dificuldade em “*estranhar*” aquilo que tínhamos com próximo. Recordo-me da professora dizendo, “a maioria de vocês são de Santarém, vão dar uma volta de ônibus pela cidade, e duvido como vocês vão encontrar muita coisa que não conhecem”. Após uma semana em conversa com a professora fui questionado sobre o andamento do trabalho, e o que estava observando. Respondi: “estou observando sociabilidade entre usuários de transporte coletivo”. Imediatamente a professora disse: “alguém tentou fazer algo parecido no ano passado, mais mudou de ideia”.

Dias depois, frustrado por achar que meu trabalho de campo era um tanto desprezível perto dos trabalhos de meus colegas de turma. Procurei a professora Carla Ramos e comentei a profunda decepção com a pesquisa. Sempre sorridente convidou-me a entrar na sala, comentou sobre a disciplina que ofertaria no semestre seguinte, “Gênero Política e Sexualidade” e um pouco assustada perguntou “está noivo rapaz, e essa aliança aí?”. Quando respondi de forma positiva a seu questionamento, começamos a falar sobre minha pertença religiosa a uma igreja evangélica. A professora então falou sobre um professor de inglês que

---

<sup>1</sup> Cidade localizada no oeste do Pará, com cerca de 300 mil habitantes segundo senso do IBGE de 2010.

havia lhe ministrado aulas, que tinha comentado sobre uma forma de namoro entre jovens dessas igrejas e seu tabu sexual pré-nupcial: a proibição do sexo antes do casamento. Respondi que conhecia a prática, e que inclusive era adepto do princípio. Pronto esse é o tema do teu trabalho, disse ela. Ao término da disciplina entreguei um trabalho com esse tema para obtenção de nota final. No semestre seguinte para disciplina de Teoria Antropológica II dei continuidade a um exercício relacionado ao tema, a partir da instituição Família e sua “Função Social” no contexto das igrejas pentecostais.

Meu interesse inicial era dar continuidade a essa pesquisa, relacionada a formas de relacionamento entre jovens desta religião. Minhas observações, durante esse período em eventos da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), na sua maioria foram: seminários regionais, encontros e vigílias. Respectivamente, eventos promovidos e ocorridos na igreja sede da cidade, onde se reuniam cerca de 500 pessoas, com participação de membros de várias das igrejas Quadrangular em Santarém, ocorrendo nas noites de um final de semana de cada mês; ocorriam na chácara da igreja bimensalmente, onde reunia em cada ocasião cerca de 120 pessoas, aconteciam durante 3 dias onde seus participantes ficavam em reclusão; cerimônias noturnas em sua maioria, promovida pela igreja do Bairro da Prainha, uma vez ao mês, em chácaras na zona rural do município tendo seu início às 22 horas e término por volta das 04:30 da manhã.

Dentre estas idas ao campo, pude observar várias reuniões de *arregimentação política*. Essa nomenclatura era utilizada pelo pastor superintendente na igreja, quando fazia o convite para reuniões que aconteciam em locais externos à igreja, segundo os líderes da IEQ “para evitar a participação de pessoas contrárias a esse tipo de trabalho político partidário da igreja”. Acrescenta-se a isso o fato de que neste período, primeiro de junho de 2014, a campanha política eleitoral não havia, para fins jurídicos, iniciado. Essas reuniões ocorreram entre o

período de junho e outubro, e pude verificar quais táticas seriam utilizadas para a conquista de votos aos dois representantes da IEQ no estado do Pará.

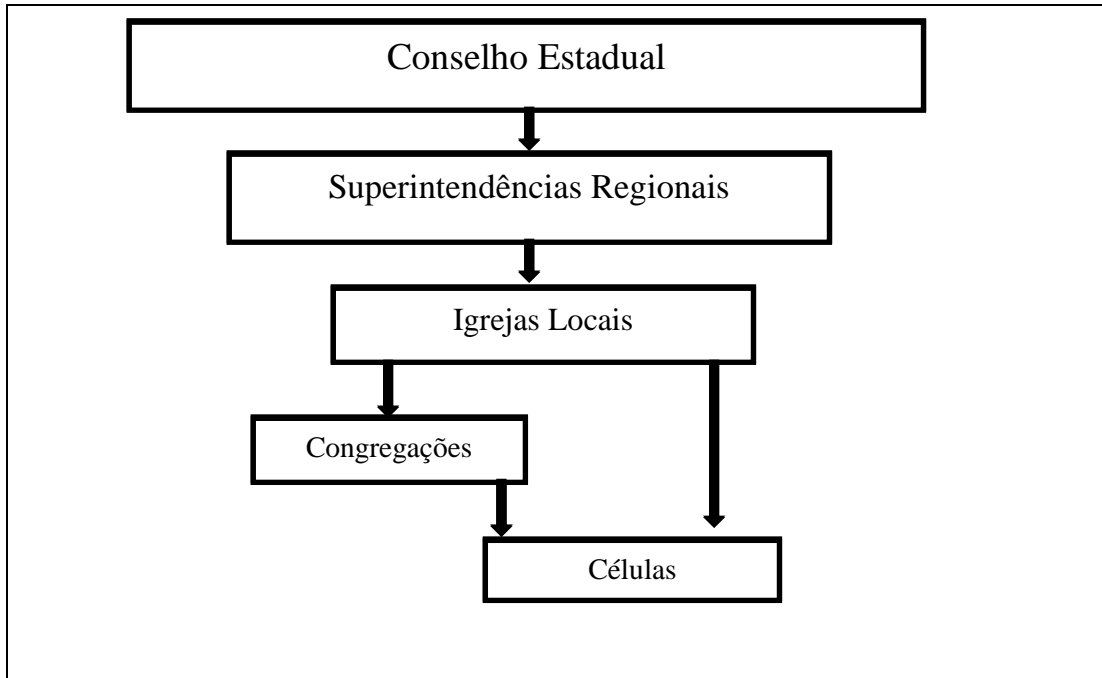


Figura 1: Organograma da IEQ em nível estadual.

Na candidatura à deputado estadual, estava concorrendo à reeleição o pastor/deputado<sup>2</sup> Martinho Carmona, primeiro vice-presidente do conselho estadual, e para deputado federal o pastor e presidente do conselho estadual, além de fundador da igreja no estado do Pará, Pr. Josué Bengtson. O conselho estadual na hierarquia da igreja é o maior posto, acima da presidência estadual está apenas o conselho nacional de pastores. Na primeira, da série de reuniões que ocorreram neste período, foi distribuído entre os presentes: pastores, *líderes de células* e fiéis da igreja em geral, um formulário com espaço para o preenchimento de dez nomes. Nomes de familiares, colegas de trabalho, de aula e outros. Essas pessoas que teriam

<sup>2</sup> Uso esta ordem pastor/deputado ao invés de deputado/pastor, pois em uma reunião semanal a então superintendente de células expôs para a igreja local essa diferença dizendo que a igreja não precisava de advogados que fossem crentes, empresários que fossem crentes, e nem políticos crentes e etc. Nas palavras dela igreja precisaria de crentes que fossem advogados, para isso deu o exemplo de Daniel e José do Egito que segundo ela, foram em seu tempo (antigo testamento da bíblia cristã) servos de Deus que ocuparam cargos políticos.

seus nomes escritos no formulário deveriam assumir o compromisso de votar nos candidatos da igreja, Martinho Carmona e Josué Bengtson. E na reunião seguinte deveriam estar presentes, para que pudessem também participar da formulação de estratégias para a campanha eleitoral e trazer novos votantes, amigos, vizinhos etc. E assim, criar uma rede de atuação engajada na conquista de votos.

Foi nesse o momento que surgiu em campo a temática deste trabalho, o soar do antropológico blues de que nos falou Roberto DaMatta quando o menino apinayé Pengy veio dar-lhe pulseiras e disse que eram para seu filho (DAMATTA 1978:10). Ou ainda a “batida” policial na briga de galo, que permite a Geertz o acesso ao universo balinês. (GEERTZ,1989)<sup>3</sup>. Ali ficou claro que tais reuniões seriam chaves para compreender e aproximar as relações entre “*modelo de células*” e a representação político-partidária.

Esse “*modelo de células*” tem sua ênfase em cultos nas casas dos fiéis participantes da igreja. Essas reuniões ocorrem semanalmente e seu objetivo é que os participantes possam levar convidados para esta e possam tornar-se membros dessa célula. Os participantes são o *anfitrião*, que sede sua residência, o *líder* responsável pela organização, sermão e quem possui o maior prestígio dentro da célula. E na célula é quem representa o “clero”, o “padre”, o “pastor”. A célula também pode contar com um *vice-líder*, que além de auxiliar o *líder* será o responsável pela próxima *célula*, caso esta se multiplique em outra célula e consequentemente vá para outra residência.

Cada um destes participantes (*anfitrião; líder e vice-líder*) são responsáveis por levar um convidado para as reuniões semanais, seja um vizinho, amigo, parente. Assim que a célula alcance número superior a 12 pessoas, a sua multiplicação deve ocorrer; isso porque o número de pessoas superior a este, na visão dos participantes, atrapalha a interação dentro da célula.

---

<sup>3</sup> Para compreender a escolha de um momento de entrada no campo, ênfase textual e escrita antropológica ver James Clifford 2011.

Então uma nova célula ocorrerá em outra residência, metade dos participantes ficaram na célula de origem e os demais devem participar da nova e deveram levar outros convidados para que a atuação continue ocorrendo assim como o crescimento numérico.

A tática de arregimentação de votos para a campanha era muito semelhante à forma do trabalho praticado através do “*modelo de células*” o qual a igreja adotou para sua organização eclesiástica. Nasce à hipótese norteadora do presente trabalho, quando semanas antes os líderes as IEQ expunham em seus discursos, a necessidade imprescindível da participação de todos os *líderes de célula* nas reuniões de arregimentação. Seria pelo fato dos *líderes de células* serem os que estavam mais próximos dessa atuação dentro da igreja?

Da Matta (1978) pontua que o antropólogo em seu trabalho de campo deve realizar uma dupla tarefa, transformar o *exótico* em *familiar* e o *familiar* em *exótico* nesse movimento que constitui a própria trajetória da disciplina. A segunda parte do movimento, seria o distanciamento do *familiar* “e assim descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós” (Da Matta 1978 p 5). E Velho (1978), em seu artigo *Observando o familiar*, demonstra que sem dúvida esses movimentos são efetuados, no entanto a questão envolve não somente uma distância social ou geográfica, pois cabe ao antropólogo no exercício de suas atividades desnaturalizar as suas categorias tornando possível a interpretação, a partir de determinado ponto de vista, assim “permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros.” (Velho 1978:9). Sobre esse “problema” foi retomado no artigo sobre metodologia de pesquisa em contexto urbano por José Magnani:

Essa questão da “distância” como condição para a análise antropológica, assim como outras, correlatas – a relação sujeito/objeto, colocar-se ou não no lugar do outro, dar voz ao nativo, o caráter da participação na observação participante, a autoria do texto etnográfico – já rendeu muita discussão e não será retomada aqui. Mas há um ponto que vale a pena identificar porque tem implicações para o argumento deste artigo: trata-se da natureza, da especificidade do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia e que – de acordo com a hipótese que está sendo trabalhada – permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números. (Magnani, 2002:16)

Sem dúvida podemos destacar que após o processo descolonização ocorrido a partir das décadas de 60 do século passado, a teoria antropológica sofreu grandes mudanças, as até então consideradas, minorias políticas ganham/exigem um posto diferenciado na dicotomia pesquisador e pesquisado. Além de reivindicarem a autoria e o direito de reescreverem as suas próprias histórias e trajetórias nessa dimensão da produção de conhecimento. A chamada crítica pós-moderna evidencia, por meio dessa polifonia, uma relação entre “nativos” e produção antropológica, a influência do “objeto” antropológico e da forma de entrada em campo. James Clifford (2011) em sua crítica a autoridade etnográfica demonstra que o fazer antropológico é preponderantemente centrado na escrita. O fazer antropológico, seu campo de atuação, sua metodologia tornam se possíveis em toda e qualquer relação, pelo fato desse novo foco. A etnografia é legitimada pela experiência da interpretação, e não mais pelo estar lá. Sendo assim, faz-se possível em qualquer contexto e com isso novas possibilidades de campos etnográficos emergem. Assim, como novas críticas e perspectivas teóricas.

Roy Wagner (2010) no primeiro capítulo de seu livro *A invenção da cultura*, em sua abordagem semiológica, reitera, nos dizendo que a única forma de fazer o trabalho antropológico é tomando como ponto de partida nossas categorias. Referenciando os *símbolos* de nossos interlocutores a *referentes* de nosso próprio universo simbólico. Afinal a *escrita antropológica*<sup>4</sup> é para um público bem específico “ele [antropólogo] só consegue comunicar essa compreensão se o seu relato fizer sentido nos termos de sua cultura” (Wagner, 2010:29).

Já que os símbolos circulam em contextos diferenciados, cabe ao pesquisador ter o controle desse movimento simultâneo e manter a contextualização de *obviação*, *convenção* e *invenção*, respectivamente, *grosso modo*: junção de significados e referente, que por sua vez também são significados; assumi o que são; criar novas relações, controle desestabilizado.

---

4 CLIFFORD, James . A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4 ed. 2011.

“Assim, a invenção das culturas, e da cultura em geral, muitas vezes começa com a invenção de uma cultura particular, e esta, por força do processo de invenção, ao mesmo tempo é e não é a própria cultura do inventor.” (Wagner, 2010 p. 37).

Ainda se tratando de elementos metodológicos utilizados em estudos feitos em campos etnográficos considerados *familiares*, isto é, escrever sobre um mesmo universo simbólico ao qual se pertence. Um argumento promissor presente na obra de Marilyn Strathern (2014) mostra-se muito eficaz como pressuposto para o presente trabalho.

A antropóloga britânica salienta duas suposições que geralmente cercam os trabalhos feitos em terreno familiar, ou seguindo sua definição, trabalhos feitos a partir de uma *autoantropologia*. A primeira suposição seria que esses antropólogos chegariam à melhores resultados, e se por um lado seriam trabalhos recheados de contribuições espetaculares, mas poderiam por outro, ser extremamente tautológico. A segunda que a sistematização antropológica é válida em todo e qualquer lugar, torna complexo aquilo que era simples, e todos já sabiam.

Contudo, a crítica posta por Strathern (2014) não alude a uma mera devolução da informação recebida, “mas ao processamento antropológico do ‘conhecimento’ informado por conceitos que também pertencem à sociedade e à cultura estudadas” (Strathern, 2014:136) Para ela a possibilidade de uma *autoantropologia* está contida, apenas na continuidade conceitual dos trabalhos, em relação aos discursos dos agentes a quem os estudos são referidos. Não podemos esquecer, continua Strathern,

São os próprios antropólogos que constituem uma classe universal; são eles que compartilham preceitos e preocupações [...] Não se deve decidir se os antropólogos estão trabalhando em casa como antropólogos com base em se eles se autodenominam malaios, pertencem aos ciganos Travellers ou nasceram em Essex; isso deve ser decidido pela relação entre suas técnicas de organização do conhecimento e a forma como as pessoas organizam o conhecimento sobre elas mesmas (STRATHERN, 2014:157).

## **CAPÍTULO 1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR (IEQ) E OS MUITOS PENTECOSTALISMOS.**

“Diferir é existir” com essa frase o professor Eduardo Viana Vargas inicia a introdução do livro *Monodologia e Sociologia e outros ensaios* de Gabriel Tarde (2007). No contexto pentecostal, no qual o presente estudo se encontra percebemos a eficácia do enunciado. Vemos que mudanças são constantes e preponderantes para que os grupos evangélicos possam existir, nesse contexto, as recorrentes transformações são traduzidas como *avivamento* ou ainda *reavivamento*.

Essas mudanças são na maioria das vezes tidas como retomada aos tempos neotestamentais, a contemporaneidade dos acontecimentos bíblicos como: Profecias; discursar sobre coisas futuras ou não conhecidas pelos demais. Milagres; cura pela fé, unção de óleos, sal, roupas. Glossolalia (falar em línguas); proferir palavras inaudíveis, interpretada apenas por pessoas possuidoras do “dom de interpretação” atribuição “concedida pelo Espírito Santo”.

Os “avivamentos” segundo Almeida (2004) são uma herança desenvolvida pelos protestantes dos Estados Unidos, com certa ênfase comportamental e principalmente emocional, “os ‘avivamentos espirituais’ (*revivals* que se configuram como êxtase religioso decorrente de momentos coletivos de efervescência *da fé*)”. Períodos históricos caracterizados por intensa propagação dos dogmas cristãos, além de busca de êxtase como fuga do mundo pela expectativa escatológica<sup>5</sup> ou fim do mundo terreno (Almeida, 2004:39).

Segundo a bíblia cristã, no livro de Atos dos Apóstolos em seu capítulo 2, houve um evento de manifestação divina, quando o “Espírito Santo” vem a Terra para acompanhar os cristãos, agora órfãos, pela morte de seu mestre, e acompanhá-los em suas trajetórias.

---

<sup>5</sup> **Escatologia** (do grego antigo εσχάτος, "último", mais o sufixo -logia) é uma parte da teologia e filosofia que trata dos últimos eventos na história do mundo ou do destino final do gênero humano, comumente denominado como fim do mundo

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (At 2: 1-4)

A crença na contemporaneidade desses acontecimentos está presente entre os pentecostais e não faz parte do rol de crença de evangélicos históricos como, metodistas, batistas, presbiterianos<sup>6</sup>. O pastor da IEQ sede em Santarém, Reginaldo Silva, em seu livro apresenta esses momentos como “úteros de formação de novas lideranças” e aponta alguns momentos onde essa retomada de princípios cristãos foi evidenciada, segundo ele esses momentos são seguidos de grande crescimento numérico de fiéis.

Campos (2005) e Silva Dias (2009) demonstram como esses momentos de “avivamento” são pontos fundamentais para o Pentecostalismo no Brasil, o panorama “pré-pentecostal” de várias das denominações pentecostais e as formas de sua “origem” está intimamente ligada com os acontecimentos e doutrinas de “Charles F. Parham (1873-1929), ‘o pai do reavivamento pentecostal do século XX’” e de “William Joseph Seymour (1870-1922): Brother Seymour, ‘o negro profeta de Azuza Street’”.

Isso nos mostra como que sucessivas mudanças e reelaborações acompanham a história do cristianismo. Nessas constantes ramificações situa-se a fundadora da IEQ, nesse movimento de novas vertentes e cisões do pentecostalismo. No mesmo artigo Silva Dias (2009) também demonstra que o pentecostalismo cristão em sua forma atual tem raízes no “avivamento metodista<sup>7</sup> do século XVIII, no qual [Jhon] Wesley introduziu o conceito de uma segunda obra da graça, distinta da salvação” a perfeição espiritual alcançada pela busca do “Espírito Santo” pela crença, a fé (Silva Dias, 2009: 4). O movimento das ramificações e

---

<sup>6</sup> As igreja evangélicas históricas quando introduzem essas praticas em suas crenças, acrescentam em seu nome os termos “Renovada”, “missionária”, “avivamento”, “fogo”. Ex: Igreja Batista Renovada, Igreja Presbiteriana Missionária.

<sup>7</sup> Igreja Evangélica histórica, surgida logo após a reforma Protestante.

cisões que levam a fundação da IEQ pode ser compreendido com a leitura do panorama histórico abaixo.

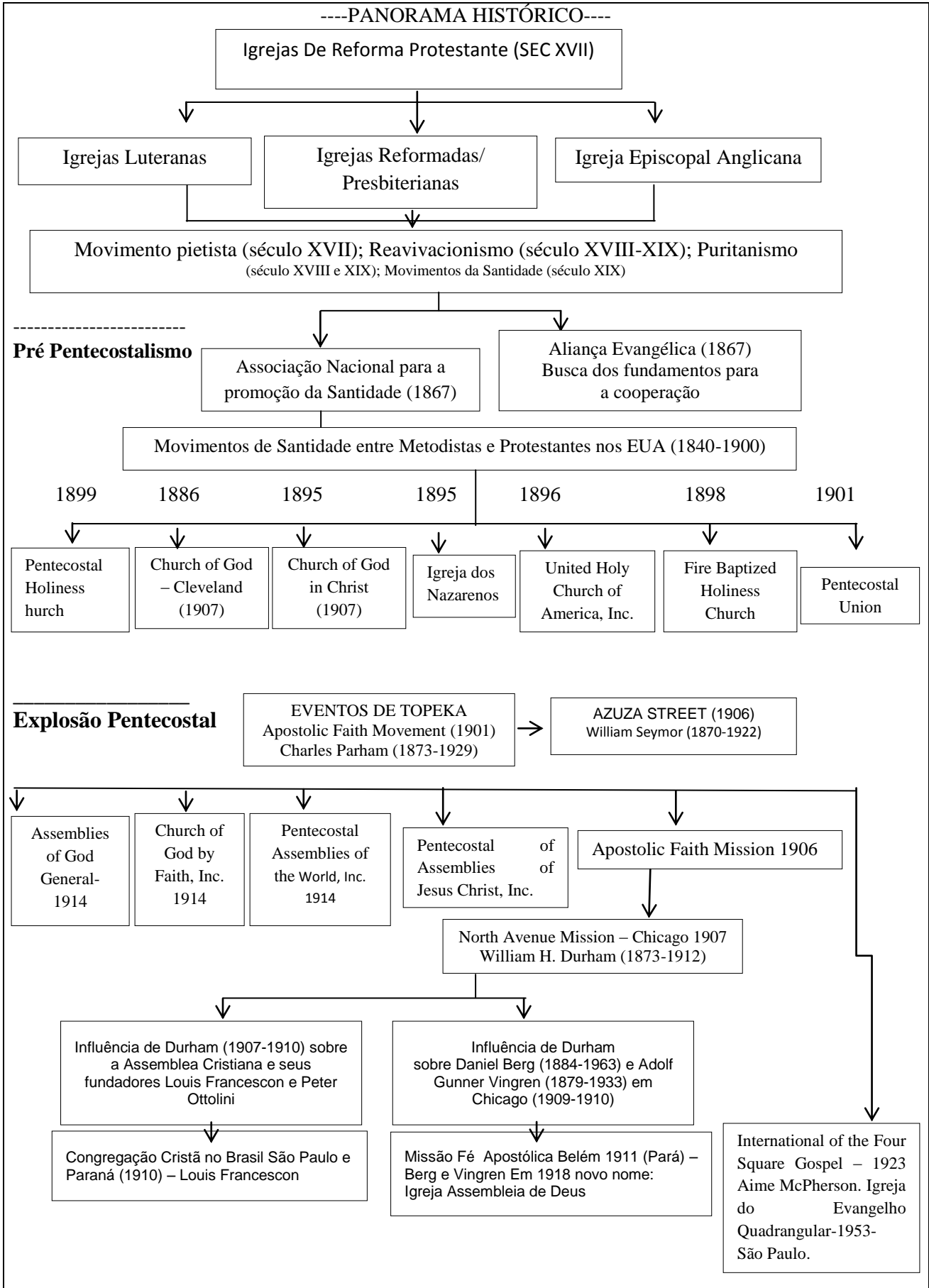


Figura 2. Panorama histórico das igrejas Evangélicas adaptado (fonte Campos 2005.p 114)

O pentecostalismo no Brasil, vertente do cristianismo que enfatiza a continuidade dos tempos bíblicos, a contemporaneidade de milagres pela fé, através da crença no agir do Espírito Santo, por meio de profecias, curas, e falar em línguas. Vem tendo diversas mudanças no decorrer da sua história, desde a primeira década do século XX com a fundação das igrejas Cristã do Brasil, na cidade de São Paulo em 1910 e um ano depois da Assembleia de Deus em Belém do Pará seguindo durante todo o século diversas formas diferenciadas de pentecostalismo e ramificações surgem, enfatizava-se o falar em línguas e profecias.

A Igreja do Evangelho Quadrangular, após sua fundação em 1953 no estado de São Paulo, trouxe novas igrejas e formas de *pentecostalismos*. Sua atuação e ênfase na cura divina, por meio da fé. Surgiram as igrejas Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa de Bênção.

Já após a metade da década de 1970 surgem: Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo, esse grupo *neopentecostal* é caracterizado pela prática do exorcismo, pela interação numérico e simbólica do universo do protestantismo e umbanda uma espécie de sincretismo às avessas, reelaborando sua forma a partir de uma lógica evangélica-pentecostal e catolicismo afro-kardecista entorno da figura do diabo o que embasa as lutas por território através de batalhas espirituais. Os exorcismos, nessa lógica, como libertação de forças malignas. (Almeida & Monteiro, 2001).

Esses momentos foram chamados pela literatura sociológica da religião de “três ondas do pentecostalismo brasileiro” (Freson 1993 apud Almeida, 2006:1) Ou ainda de: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo por Ricardo Mariano (Oliveira 2012) e (Silva 2007). Ronaldo Almeida (2006) em sua análise sobre as rupturas e continuidades do campo religioso protestante pentecostal brasileiro afirma:

(...) ainda não surgiu uma nova inflexão tão significativa no interior deste segmento que pelo menos tenha se consolidado. Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos. (Almeida, 2006: 2)

No entanto durante o início da década de 1990 surge e ganha visibilidade no cenário nacional as igrejas no *modelo de células*. Caracterizado pela recorrência de cultos nas residências, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, através do *discipulado*, forma de interação pessoal que gera laços cerimoniais, se embasa na premissa que para o crescimento espiritual os participantes da igreja devem compartilhar suas experiências com outras pessoas que serão responsáveis por acompanhar na sua caminhada espiritual.

Percebemos que o pentecostalismo é repleto de diferenciações, reelaborações de suas práticas e ênfases diferenciadas na forma de sua crença. Notamos ainda suas formas de estar no mundo através de suas relações, com outras formas de crenças, seja no universo simbólico cristão, como evangélicos históricos e evangélicos pentecostais, ou em outras formas religiosas como o pentecostalismo e a interação com as religiões de matrizes africanas. Nisso, se faz produtivo buscar contrapontos com a teoria das monadas de Tarde (2007), enquanto possível forma de estratégia das partículas infinitesimais da vertente religiosa: “Células”<sup>8</sup>.

Bateson (2002) aponta para a utilidade de focar em elementos que produzem uma diferença em seu meio e através dessa geram padrões de conexões. Isso nos permite enxergar o campo das “células” a partir de uma forma de abordagem pautada em elementos (células) que revelam conexões entre agências dos produtores (como dizem os fiéis “que implantam a visão”) e dos propulsores (os líderes e outros do organograma de cada “célula”) na difusão da IEQ na cidade de Santarém. Para abordar esse campo etnográfico iremos buscar na

---

<sup>8</sup> Por compreensão das similitudes durkheiminiana entre a ação das *células*, podemos posicionar a parte estando na construção de um todo, igreja. Por pertencer a organização das igrejas qualquer célula precisa estar contido no todo, em uma relação análoga a indivíduo/sociedade. Seguindo um tipo de segmentaridade como a apresentada em *Os nuer*, por Evans Pritchard. No entanto a postura adotada aqui privilegia entender que dentro da célula está contido todo o projeto da igreja, em seus mais variados níveis. Transformando a conquista através da eliminação do outro, tornando o outro em si através da conquista, que é base para toda relação humana ou não humana. A segmentaridade adotada seria rizomática.

universalidade das monadas, de Tarde (2007) instrumentos epistemológicos que nos permitam mapear as atividades das “células”.

Dessa forma podemos observar esse microcosmo proselitista “célula”, como nutrido por “*crença*” dos fiéis e pelo “*desejo*” de expandir sua abrangência. O que Pierucci chamou de marca registrada das “religiões *universais* de salvação *individual*” (Pierucci, 2006:122). Seriam as formas religiosas monoteístas, em que seus adeptos são incumbidos de missão dada por sua divindade, a propagação universal da própria fé representante. Em suma, aquelas religiões que veem em todos (praticantes ou não praticantes) um possível neófito, para usar o termo dos interlocutores “um pretense discípulo”. O objetivo é demonstrar como as “células” podem ser observadas como detentoras em si, de toda a constituição das religiões *universais*.

Na proposta elaborada por Tarde, “*as duas forças da alma chamadas crença e desejo, de onde derivam a afirmação e a vontade, apresentam esse caráter eminente e distintivo*”(2007:67). Sendo as monadas esta forma gestora do mundo possível, infinita em possibilidades de estar. Observamos as “células” da mesma forma, através da possibilidade de expandir-se e dominar as diversas formas e planos da organização eclesiástica.

As formas de estar como o cristianismo apresenta diversos contextos, e ao longo do tempo está longe de ser homogenea, temos igrejas apostólicas romanas e ortodoxas, evangélicas históricas ou pentecostais. Religiões *globalizantes* ou *mundiais*, como o caso desta de conversão pessoal, ou melhor, que veem em qualquer indivíduo um possível participante do grupo, e que para isso deve passar por um ritual de conversão individual. Partindo disso podemos caracterizar e classificar as igrejas cristãs.

No entanto, se refinarmos nosso foco perceberemos que dentro desse grupo temos um grande divisor, *católicos* e *protestantes*, essa segmentação ganhou força no início do século XVI. O cristianismo dissidente não católico, conhecidos também por *evangélicos*, termo que tem sua gênese nos primeiros livros do novo testamento, sendo estes os “seguidores das boas

novas”. Dentre estes estariam as igrejas protestantes históricas, Luterana, Anglicana, Metodista, Presbiteriana, Batista, Adventista, Pentecostais tradicionais, Assembleia de Deus, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, e por falta de um melhor termo as Neopentecostais ou pós-pentecostais, Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra. Dando base para expor que o grupo pentecostal no Brasil está longe de ser coeso.

Como já exposto anteriormente Campos (2005) demonstra o panorama “pré-pentecostal” de várias das denominações pentecostais. As igrejas pentecostais no Brasil, mas não somente, costumam pontuar sua origem aos acontecimentos da Rua Azuza no ano de 1906. Fato histórico ocorrido na cidade de Los Angeles, Califórnia, esses acontecimentos se deram em um galpão alugado por William Joseph Seymour, onde vários líderes de diferentes denominações cristãs eram convidados a participar e terem um novo contato com “o poder do Espírito” evidenciado através de transe coletivo, glossolalia e curas. Aos que eram “batizados por este espírito de fogo” era dado dons.

Os acontecimentos do galpão da rua Azuza, tiveram sua forma inicial na experiência de Seymour, no estado do Kansas. Anos antes, em 1901 na cidade Topeka (Kansas) acontecimentos muito semelhantes aos da Rua Azuza foram protagonizados por Charles Fox Parham, no entanto a historiografia religiosa tende a esquecer, esse fato, talvez por “acusações de homossexualidade” e pelas suas evidentes inclinações racistas, sendo um dos seus alvos o próprio Seymour.

Os evangélicos pré-pentecostais assimilam esse acontecimento à profecia neotestamental, de um novo batismo. Diferente da imersão em água, um batismo espiritual.

Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de tirar-lhes as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. (Mt: 3. 11)

No ano de 2006, ocorrem várias alusões ao centenário dos acontecimentos na cidade de Los Angeles. Pastores da igreja enfatizavam a participação da fundadora da IEQ nesses eventos, como exemplo principal a construção do templo da sede mundial da Igreja na Cidade de Los Angeles, por ser considerada o berço desses acontecimentos. Em várias das produções áudio visuais da própria igreja, se enfatiza a construção desse templo e sua participação no contexto de gênese pentecostal.

Segundo a crença quadrangular, sua fundadora Aimée Semple Macpherson recebeu uma visão no início da década de 1920, em Los Angeles (EUA), com seu discurso que enfatizava a cura pela fé, em tendas itinerante de lona e o uso intenso do rádio, propiciaram uma grande abrangência e dissimilação que foi digna de citação de um dos grandes patriarcas de nossa disciplina.

“In the same way a new revelation, such as the one which occurred to Mrs. Mary Baker Eddy or to Mrs. Aimee Semple MacPherson or Joseph Smith or Frank Buchman, has, first and foremost, to be brought home to a group of people. They then organize, that is, equip themselves materially, and adopt a number of rules of status and rules of performance, with which they carry out their ritual activities and practice their dogmatic and moral principles. (Malinowski 1960:44)<sup>9</sup>

A revelação de Aimée Semple Macpherson ocorreu ao ler a passagem bíblica do antigo testamento do profeta Ezequiel capítulo um e versículos de quatro a dez.

Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo revolvendo-se nela, e um resplendor ao redor, e no meio dela havia uma coisa, como de cor de âmbar, que saía do meio do fogo. E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes. E esta era a sua aparência: tinham a semelhança de homem. E cada um tinha quatro rostos, como também cada um deles quatro asas. E os seus pés eram pés direitos; e as plantas dos seus pés como a planta do pé de uma bezerra, e luziam como a cor de cobre polido. E tinham mãos de homem debaixo das suas asas, aos quatro lados; e assim todos quatro tinham seus rostos e suas asas. Uniam-se as suas asas uma à outra; não se viravam quando andavam, e cada qual andava continuamente em frente. E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homem; e do lado direito todos os quatro tinham rosto de leão, e do lado esquerdo todos os quatro tinham rosto de boi; e também tinham rosto de águia todos os quatro. Ez 1:1-10

---

9 A citação de Malinowski com sabemos, exemplificando, a revelação de Aimmé e outros, para ele a única forma de ocorrer é através de comportamento organizado, regrado por instituições que sustentam a sociedade.

Nesse trecho no qual é apresentado um ser de quatro faces: boi, homem, águia e leão. Sendo cada um destes uma representação segundo Aimmé do ministério de Jesus na terra: Salvador, curador, batizador com o “Espírito Santo”, rei que voltará, respectivamente. Resgatar os humanos para uma vida eterna, um mundo vindouro; curar o mundo da doença que acomete a humanidade pelo pecado de forma física ou não; revestimento espiritual que leva o homem de uma humanidade imperfeita a uma espiritualidade perfeita; retornará como condutor para um mundo supraterrâneo. Cada um desses ministérios é simbolizado por uma cor: vermelho, azul, amarelo e lilás. Outra forma de simbolização estaria representada, na cruz lugar do sacrifício emissor da salvação, cálice, simbolizando a cura, pomba evidencia do Espírito Santo, e coroa representando o reinado vindouro.

Isso estaria relacionado à forma pela qual o messias cristão é apresentado nos quatro primeiros livros do novo testamento da bíblia, conhecidos por evangelhos, Lucas enfatiza sua face salvadora, Marcos com ênfase na cura, João o homem responsável por um batismo espiritual e Mateus com a ênfase em um retorno messiânico futuro. Por essas doutrinas cardinais da IEQ, podemos verificar a marca dos pentecostais, glossolalia e transe coletivo, e por meio do “batismo com Espírito Santo”, sendo as evidências desta manifestação, cura pela fé através de “dons do Espírito” a promessa de salvação e a crença no retorno do Messias. Sendo esse o conjunto que crenças, princípios e representações balisares para os fiéis da IEQ.

### 1.1. PENTECOSTALISMO E O MODELO DE CÉLULAS: RECORRÊNCIA DE CULTO NOS LARES.

Cultos nos lares de fiéis de igrejas cristãs têm sua prática, já mencionada, desde os tempos do novo testamento bíblico seja pela perseguição ou por falta de templos essa prática já era mencionada. Contudo o modelo celular ao qual iremos analisar, assim como seu discurso de “retorno” as práticas do cristianismo primitivo, estão ligados à uma forma

específica de organização com surgimento no final do século XX. César Castellano Dominguez e sua esposa Cláudia Castellano foram os idealizadores de igreja no formato de célula no Modelo dos 12. Nesse modelo de igrejas, cada um de seus participantes deve se propor a atuar como um mestre de outros doze, ensinado a atuação dentro e fora da igreja, uma relação de paternidade espiritual, no doutrinamento e repasse de experiências essa relação é chamada de discipulado.

Castellano iniciou sua atuação na Missão Carismática Internacional em solo colombiano, e posteriormente alcançou a América Latina. Nitidamente inspirado pelo modelo de igrejas sul coreano liderada pelo Pr. David Yonggi Cho, que propõe um modelo de multiplicação geométrico dos membros da igreja, uma espécie de multiplicação celular Andrade (2010), (Gomes 2010) e (Silva Dias 2009).

Desde seus primeiros anos de atuação no Brasil, estão na frente de sua empreitada o Pr. Rene Terra Nova, líder do Ministério Internacional da Restauração (MIR), e criador do G12, modelo semelhante ao de Castellano, alterado a nomenclatura para uso no MIR e sobre a responsabilidade de Terra Nova. Quanto ao número 12 em ambos, simboliza os discípulos de Jesus, já que os cristãos são seguidores deste nada mais plausível do que repetir o número de discípulos.

Modelos similares aos de Cesar Castellano, David Yonggi Cho, e Terra Nova , não são únicos como demonstrou Andrade (2010), estes estão em várias...

*“denominações como: Batistas, Assembleia de Deus, Metodistas, Presbiterianos, Igreja do Evangelho Quadrangular, entre outros ministérios Independentes e países como; EUA, Turquia, China, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Escócia, Coreia , Grécia, Canadá, Espanha, Argentina, Peru, Paraguai, México, Porto Rico, Venezuela, Panamá, Costa Rica” (Andrade, 2010:58)*

Na cidade de Santarém (PA) há outra igreja “criadora” de um desses modelos. A Igreja da Paz com sede Nacional em Santarém e seu Modelo de Discipulado Apostólico ou Meu Discípulos Amado (MDA), neste modelo temos como diferença preponderante o

acompanhamento, individual, um a um. A igreja da Paz está desde o ano de 1993, baseada no modelo de cultos nos lares. Seu idealizador é o pastor Abe Huber, filho de missionários americanos que vieram para o Brasil, teve suas primeiras tentativas de fundar igrejas na região centro oeste, e posteriormente na Amazônia.

Com a morte de Lucas Huber fundador da igreja, ainda denominada de “Igreja dos Nazarenos”, Abe Huber, seu irmão mais novo, assumiu a presidência. Desde a última década do século XX a renomeada igreja da Paz, demonstra um grande crescimento numérico, que se mostra exponencial com a implantação do MDA no ano de 1998, hoje já são mais de 6 mil células na cidade de Santarém. Esse número fez com que a igreja da Paz se tornasse uma das maiores igrejas em células no Brasil e o Pr. Abe Huber, hoje pastor titular na cidade de Fortaleza, tornou-se um dos mais reconhecidos expoentes desse tipo de modelo.

Para continuarmos pontuando a abrangência de nosso campo etnográfico. Há na cidade de Santarém, um evento anual organizado pela Igreja da Paz recebendo, líderes de diversas igrejas e estados do Brasil além de outras partes do mundo. A conferência do MDA acontece no mês de outubro e demonstra a força desse movimento na cidade de Santarém. Em entrevista feita com Pr. Carlos um dos pastores da IEQ na cidade de Santarém, disse:

Onde o trabalho é bom (eficiente) com células é aqui! [em Santarém] Manaus, Goiás, Minas. E São Paulo por que é a sede nacional. Mas se você quer estudar células o melhor lugar é aqui! (entrevista concedida em 18 de abril de 2015).

E termina sorrindo e dizendo jocosamente: “todo mundo vem aprender trabalhar em células aqui e tu quer ir estudar para fora.” Em período de Mobilidade Externa Nacional na cidade de São Paulo, pude entrevistar o atual pastor titular da primeira Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, IEQ de Santa Cecília ou da Praça Olavo Bilac, o Pr. Davi Rodrigues que está nesse cargo desde o ano de 2001. Ao chegar à igreja de Santa Cecília em uma quarta feira à noite, logo ouvi o pastor Davi dizendo quem seria o pastor convidado a pregar no culto do domingo seguinte. Ao término dessa reunião fui até a recepcionista da igreja e perguntei se

poderia falar com o pastor. Ela, uma senhora de aproximadamente 60 anos disse: “poderia esperar? Ele já está para entrar no escritório, aí te apresento a ele.”.

Nesse meio tempo, ela perguntou: “cansado né? Como é seu nome meu filho, você é daqui?” Antes de poder terminar de responder a ela, chegou outro pastor, Pr. Monteiro, abraçou-me e entregou um cartão com seu nome e telefone, seguido da frase “a meu amigo” e no espaço em branco preencheu à caneta com meu nome. Dizendo: “próxima quarta tu vai ficar na minha fileira”.

Enfim Pr. Davi chega, antes de me atender fala com algumas pessoas. Ao me apresentar disse que era aluno em uma curta temporada de estudo em São Paulo, vinha do estado do Pará. Comentei com ele sobre meu interesse em fazer um trabalho acadêmico sobre a organização da igreja. E que tinha interesse em entrevistá-lo. Muito solícito me levou até sua secretária pessoal que conhecia sua agenda e poderia verificar uma data e hora apropriada. Sua secretária me deu dois números de telefone que poderia ligar para ela, em horário comercial no dia seguinte para marcar a entrevista com o pastor, explicou que naquele momento não estava com a agenda dele e que poderia marcar uma hora e chocar com algum outro compromisso previamente agendado. Durante aquela semana não pude fazer a ligação e somente retornei a igreja no domingo que contou com a presença do Pr. Emerson. Este foi convidado a retornar, pois já havia pregado ali. Pr. Emerson Alves é pastor superintendente da cidade de Inajás, no Marajó estado do Pará, ganhou visibilidade a nível nacional dentro da igreja Quadrangular por trabalhar com igrejas em células, e conseguiu dentro de um ano abrir 30 igrejas.

Neste dia durante o culto o Pr. Davi falou sobre os líderes de 4 por 4, líderes de fileira, e que todos os presentes estavam convidados a aprender mais sobre tais assuntos, na quarta feira, e que esses métodos tem ajudado o crescimento numérico da igreja, e o acompanhamento dos neófitos. Durante o culto estranhei (Velho 1978) não ouvir a palavra

tão esperada por mim, “células”, mesmo se tratando de um culto com um convidado “especialista” no assunto. Não havia referência ao “modelo de células” no discurso, no entanto o método era semelhante assim como seus “benefícios”, até mesmo um culto para falar somente sobre o tema havia.

Procurei a secretária e expliquei o motivo de não ter feito o contato prometido, e agendamos a entrevista. Por estar um tanto atônito com a ausência da palavra “célula”, ponto crucial de meu objeto de pesquisa, e continuar estranhando o idioma utilizado. Optei por observar a reunião de quarta-feira, que estaria na responsabilidade dos líderes de fileiras e de 4 por 4. Com um pouco mais de tempo para tentar compreender do que se tratava, observar com mais atenção à reunião e pensar em perguntas que permitisse interpretar aqueles dados.

Chegado o dia da entrevista perguntei de início ao pastor, o que seria o 4 por 4? E sua resposta foi:

Durante aproximadamente de 16 anos o Conselho Nacional de pastores proibiu que as igrejas fizessem células, pois estavam trazendo visões divergentes para dentro da igreja, vários modelos e estava dividindo a igreja, era o modelo que vinha da Colômbia o modelo do Terra Nova e outros...O conselho nacional cortou células do Brasil todo, com exceção dos estados do Pará e Amazonas respectivamente liderados por Josué Bengtson e Manoel Martins, eles estavam bem, então permaneceram. A igreja da Olavo Bilac foi muito machucada pela visão celular pelo pastor que estava aqui.

Aproximadamente há 14 anos, fui designado pelo Presidente nacional Reverendo Mario Oliveira a sarar a IEQ Olavo Bilac. Depois de um ano e meio, a visão do conselho nacional quanto às células mudou. Observando o avanço que ocorreu no estado do Pará e Amazonas o Conselho Nacional passou a estimular que as igrejas de outros lugares do Brasil pudessem trabalhar com células. Nisso, eu que sou uma pessoa que gosta de aprender, e até pelo cuidado, fui ao estado do Pará, no mês de agosto do ano de 2014 com outros dez pastores e líderes que estão sobre minha supervisão. Por ter tido problemas na igreja com o termo *células* e o pastor anterior ter trazido visões divergentes para dentro da igreja. Percebi que não posso usar o nome *células*, de jeito nenhum. Eu tinha um carro 4 por 4 e via propagandas de televisão que diziam que o 4 por 4 era um grande desafio. Então pensei, seria um homem, responsável por orar por 4 lugares do mundo, ou os quatro pontos cardiais, ou os quatro símbolos da igreja ou quatro pessoas. Percebi a visão do MDA e conversei com o pastor Walter, líder estadual de jovens no Pará. São os cultos nos lares buscar, ganhar, cuidar, discipular. Para ganhar, tenho que ir nos lares! E trazer para a igreja para que possam ser ganhas e participarem dos grupos missionários de homens, ou mulheres... Só que a forma que dá certo no Pará não é possível fazer na cidade de São Paulo. Pela grande distância o trânsito as jornadas diferenciadas de trabalho, por isso,

criamos outras formas, uma delas é o líder de fileira. Hoje tem 19 líderes de fileira na igreja, esses são responsáveis por ligar para as pessoas daquela fileira, durante a semana. De cuidar daqueles de cada fila. Na igreja tem 4 superintendente que são responsáveis pelos 19 que estão encarregados das fileiras. Esses cultos são cultos temáticos onde os líderes de fileira conversão com os membros de fileira. E conversam *na igreja* com seus liderados depois de cada reunião. (entrevista concedida em 12 de agosto de 2015).

Percebemos que o estado do Pará e a cidade de Santarém emergem no discurso dos líderes e pastores das igrejas como centro produtor de diferentes modos de organização e crescimento numérico das igrejas e tem legitimidade como ponto de aprendizado sobre o modelo celular.

## 1.2. HISTÓRICOS DAS IGREJAS EM CÉLULAS E OS MODELOS TRADICIONAIS.

Como já mencionamos os Cultos nos lares de fiéis de igrejas cristãs têm sua prática já mencionada desde os tempos do novo testamento bíblico e antes mesmo dos modelos de igrejas em *células*. Grupos evangélicos possuem o hábito de realizar cultos nos lares, há recorrência de reuniões domésticas esporádicas e em ocasiões especiais, como aniversários, conquistas pessoais, bênçãos alcançadas. No entanto, nos atuais modelos de igreja em células

há uma resignificação destes tradicionais cultos domésticos evangélicos, que são transformados numa estratégia de proselitismo mais incisivo, sistematizado e eficiente que o habitual. Primeiro porque, como argumenta seu próprio idealizador, o pastor colombiano César Castellano(2000), elas não são mais ‘um programa’ da igreja, elas são ‘o programa da igreja’ e todos os esforços devem girar em torno delas... Na capacidade que possuem de fazer novos membros num ritmo mais acelerado, garantem a explosão numérica da membresia [*participantes da igreja*]. O espaço dos templos e das casas vão estar articulados neste sistema promovendo o crescimento. (Andrade, 2010:92).

Estas consistem basicamente em reuniões com liturgia diferenciada, o número de participantes preferencialmente não superior a 12 pessoas, realizada nas casas dos fiéis uma vez por semana e com objetivo explícito: esta célula “matriz” se reproduzir para casa de outro membro. Os participantes da célula são os já mencionamos: *anfitrião*, que sede sua residência, o *líder* responsável pelo organização, sermão, quem possui o maior prestígio dentro da célula,

na célula é quem representa o “clero”, o “padre”, o “pastor”. Um *vice-líder* que além de auxiliar o líder, será o responsável pela próxima *célula* caso essa se multiplique para outra residência.

Cada um desses participantes é responsável por levar um convidado para as reuniões semanais, um vizinho, amigo, parente e outros. Assim, que a célula alcança o número superior à 12 pessoas, a multiplicação deve ocorrer. Então, uma nova célula ocorrerá em outra residência, metade dos participantes ficaram em uma célula e os demais devem participar da nova, e os participantes da nova célula deveram levar outros convidados para que a atuação continue ocorrendo, assim como o crescimento numérico.

No modelo de células é exposto e praticado ao extremo uma das principais características do cristianismo dissidente desde Lutero. O “sacerdócio universal”<sup>10</sup> cada participante da igreja pode ler a “livro sagrado” e aferir interpretações próprias das escrituras. Os líderes de cada célula trazem essa característica de compartilhamento da ordem eclesiásticas e tornam-se pastores de suas células.

Uma das marcas desse trabalho são os “atos proféticos” enquanto ocupação de espaços pela igreja (Andrade 2010) e (Gomes 2010). A reelaboração das formas de pentecostalismo a partir de uma lógica evangélica-pentecostal e de catolicismo afro-kardecista entorno da figura do diabo embasa as lutas por território, através de batalhas espirituais. Traduz a forma do pensamento protestante pentecostal que se baseia na forma dicotômica, em uma luta do bem contra o mal. Assim, as ações “que acompanham a conversão *como* se defrontarem com a pobreza, superarem o alcoolismo e o vício de drogas, apartando-se de comportamentos anti sociais fortalecendo os laços familiares” (Wright e Kapfhammer 2004:13) expõe uma lógica do exorcismo, a ideia principal é que existem demônios territoriais e hereditários agindo sobre

---

10 Livre exame da bíblia cristã, para o universo simbólico evangélico simboliza democratização do Sagrado.

as áreas geográficas e as famílias, sendo esses demônios os responsáveis por todos os males que assolam a humanidade. E devem ser expulsos (exorcizados) para a libertação de um indivíduo das forças malignas, isso marca a conversão de um indivíduo. Isso acontecendo, após preces caracteriza-se como uma forma de ato profético. Da mesma maneira a igreja conseguindo estar em espaços em que anteriormente não conseguia, pode ser interpretada sob a mesma lógica, onde devido à agência de “forças malignas” que agora foram exorcizadas, passa a ser visto como a conquista através desses “atos de fé” inclusos como parte da “guerra santa”. Assim, as casas que possuem uma *célula*, as ruas que são citadas nas orações, os cargos públicos que são almejados exprimem essa pretensão de conquista nessa guerra santa, seja conquista de espaços que começam nas casas dos seus membros, ruas, praças e expandem-se até as assembleias legislativas.

Estes atos tornam visíveis as ações das igrejas através de “batalhas espirituais”, exemplo maior disso são as “marchas para Jesus”. Como pontua Silva Dias (2009), as igrejas que optam por esses modelos: “expressam um fato religioso, mas, sobretudo, um fato político que se explicita pela disputa do poder religioso, através da construção de imagens representativas das lideranças protestantes”. (Silva Dias, 2009:2).

Podemos perceber que há uma luta por legitimidade no protagonismo de um “modelo celular” para as igrejas que sejam, ao mesmo tempo, capazes de aferir crescimento em ressonância com fatos que sejam ligados a simbologia cristã. Percebemos no “Modelo dos 12” criado pelo pastor Castellano a referência ao número de discípulos de Jesus e o acompanhamento do crescimento geométrico, pois na G0 teríamos 1 já na G1, 12 pessoas, na G2 144. No modelo criado por Terra Nova teríamos algo muito. Enquanto no MDA modelo protagonizado por Abe Huber, o acompanhamento seria de um a um, e segundo os praticantes sua eficácia estaria pelas relações serem bem mais próximas.

## CAPÍTULO 2. DOS CULTOS NOS LARES ÀS CÉLULAS

### 2.1 ESPACOS OCULPADOS PELAS IGREJAS NO MODELO DE CÉLULAS.

Nos atuais modelos de células assumidos pelas igrejas, temos a incontestável emergência das casas como espaço produtor de relações que são alteradas constantemente. A mesma casa que recebe uma reunião nas quartas-feiras entre às 19:30 horas e 20:30 horas preferencialmente. Altera sua dinâmica e seu caráter simbólico, pois o mesmo espaço é ocupado e suas formas de usos são variadas. Roberto Da Matta em seu livro *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, privilegia no uso dos espaços uma oposição marcante, *indivíduo e sociedade, público e privado, rua e casa*:

estou me referindo a espaços, a esferas de significação social - casa, rua e outro mundo - que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contêm visões de mundo ou éticas particulares. Não se trata de cenários ou de máscaras que um sujeito usa ou desusa - como nos livros de Goffman - de acordo com suas estratégias diante da "realidade", mas de esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias. (DAMATTA, 1997: 32)

A casa e rua, cada uma com um tipo de comportamento ideal opondo se e complementando simultaneamente. Na análise Damattiana, segundo Magnani “têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e, a outra, ao privado” (MAGNANI, 2002:21). Se seguíssemos a forma proposta por DaMatta (1997) então teríamos em nosso campo etnográfico.

Casa : Rua :: célula : igreja

A casa como lugar dos íntimos, onde as conversas são “profundas”, pessoas mais próximas transitam, contato mais pessoal, para usar os termos metodológicos, o lugar do *Familiar*. A rua, como lugar das diferenças, onde não há muita conversa e quando existem são superficiais, o *blasé*, contatos impessoais o *exótico*. Assim como na oposição célula e igreja. A célula seria o lugar de comunicação com os mais próximos, os *irmãos espirituais* mais íntimos, as conversas mais duradouras, os vínculos mais fortes. Enquanto a igreja seria o lugar das relações pessoais com vínculos ínfimos, impessoais.

Contudo, também podemos dizer que as células teriam lugares e/ou momentos mais similares à igreja: seriam os momentos em que uma pessoa mesmo sem ter sido convidada participa da reunião, conversa e interagi com os demais. Da mesma forma que a igreja também teria seus lugares e/ou momentos mais “celulosos”: momentos de abraços, conversas espontâneas, fuxicos jocosos e outros.

E assim como a casa tem lugares que marcam a passagem de um domínio ao outro, o caso da janela para DaMatta simboliza a passagem do exterior ao interior (DAMATTA, 1997:41) fenômenos análogos ocorrem na célula. Na célula, alguns momentos específicos marcariam esse limiar; como um aniversário ou batizado que abriria as portas da casa para os de fora. A conversão de um neófito, por meio de uma oração, seria um desses momentos; ou ainda, um aceite ao convite de batismo. Essas ocasiões da mesma forma marcariam essa passagem.

Não podemos deixar de citar que, tanto a conversão quanto o batismo, no universo simbólico cristão em que estamos tratando, corresponde a um “novo” nascimento. “Os evangélicos formulam a conversão como uma experiência emotiva que deve resultar em incorporação de um conjunto de valores e de um novo padrão de conduta” (ALMEIDA, 2004:39). Uma passagem a “nova” vida religiosa escolhida e experimentada pelo indivíduo após sua conversão.

Magnani (2002) em seu olhar *de perto e de dentro* priorizando e reconhecendo os aspectos da experiência dos atores sociais que são possíveis de serem identificados pelo investigador, demonstram não a fragmentação do espaço urbano e sim espaços que propiciam formas próprias interação. Emerge como uma categoria o pedaço: "*espaço intermediário entre a casa (o privado) e o público ou, para utilizar um sistema de oposições já consagrado, entre casa e rua. Não é, contudo, um espaço fechado e impermeável a uma e outra, ao contrário*" (MAGNANI, 2002:22).

Para compreender esses espaços devemos partir de suas relações, pois só fazem sentido nelas. Percebemos dessa forma uma gama de relações entre pessoas e pessoas, pessoas e coisas, coisas e lugares. As casas não são células. Em determinados momentos *estão* células, admitimos que em cada relação, uma perspectiva particular é assumida. Bruno Latour (1994) no livro *Jamais Fomos Modernos* evidencia uma tendência ocidental de compartimentar seres e coisas em seu redor, dando a cada, um lugar particular. E essa compartimentação em uma tentativa de purificação, quando levados ao extremo, faz emergir os *híbridos*.

No entanto, com a emergência dos *híbridos*: coisas fluidas tendo tendência tanto ao domínio da *natureza* quanto ao da *cultura, humano e não humano*. Dá-nos a possibilidade de enquadrar nessa categoria, uma diversidade de agentes. "Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruído sem que o desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem." (LATOURE,1994:9). Aqui nos levam por caminhos que apontam para as casas, ruas, praças, assembleias legislativas. Interpretamos sempre a partir de um caráter relacional. Células seriam parte ou todo? Responderíamos se *estão* parte, *estão* prontas a ser todo. Se *estão* todo, *estão* prontas para se tomarem parte.

Os usos dos espaços urbanos por essas igrejas exemplificam sua abrangência, e a forma diferenciada que o espaço é ocupado. No contexto etnográfico que estamos

apresentando, percebemos essa forma particular em contraste com a forma anterior ao “modelo de células”.

A IEQ tem sua organização eclesiástica a nível estadual dividida em Conselho Estadual com sede na capital do estado. Superintendências regionais, nesta superintendência além da cidade de Santarém estão ainda vinculadas às cidades de Monte Alegre, Alenquer, Belterra e Mojuí dos Campos. Atualmente no estado do Pará, segundo relato do Bp. Evilasio dos Santos, há cerca de sessenta superintendências regionais no estado. Na superintendência do Baixo Amazonas, com sede em Santarém, está no cargo o Pr. Reginaldo Silva.

Além da igreja Sede localizada no bairro de Santa Clara, existem cerca de vinte igrejas espalhadas por diversos bairros da cidade. Uma delas é a IEQ do bairro da Prainha onde minhas análises estão situadas.

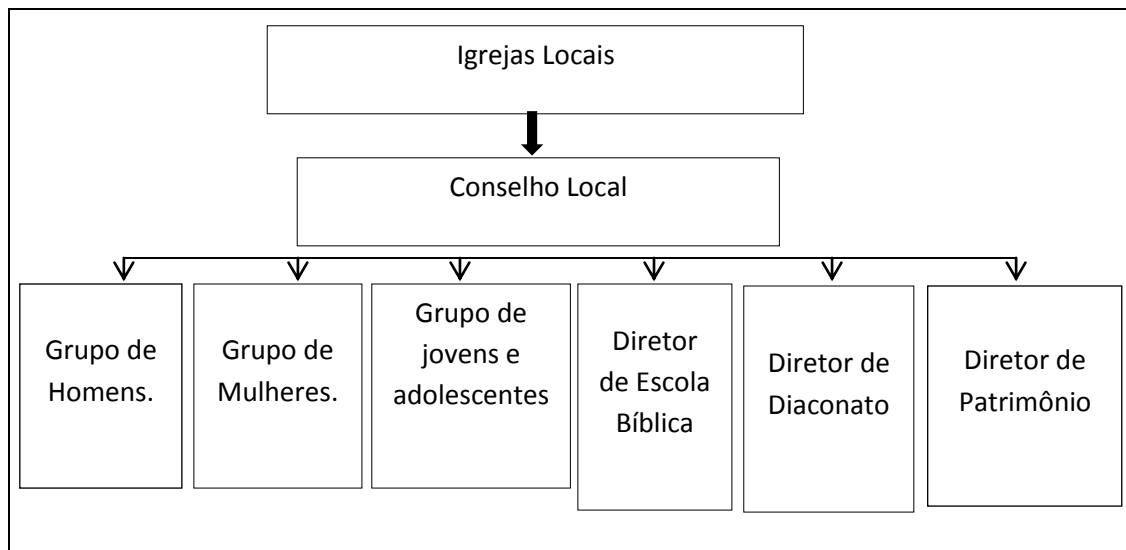


Figura 3: Esboço da organização da igreja em nível local.

A IEQ chegou ao estado do Pará no ano de 1973, o primeiro missionário quadrangular foi o atual presidente do conselho estadual, Pr. Josué Bengtson. Guiado pela voz do “Espírito

Santo”<sup>11</sup>, segundo ele, além da *honra* embutida na atração histórica de missionários em contexto amazônico<sup>12</sup>. Antes da sua chegada ao Pará, fundou igrejas na Bahia e Maranhão. Dois anos após à chegada a IEQ em solo paraense, é inaugurada a primeira igreja na cidade de Santarém.

A IEQ Prainha foi a segunda igreja fundada na cidade, hoje conta com uma frequência de cerca de 300 *membros* participando de seus cultos<sup>13</sup>. As “*congregações*” ou “*tabernáculos*” são ligadas as igrejas locais, por estas possuírem CNPJ e aquelas não. Além dessa diferença de caráter formal, entre ambas existem mais similitudes do que diferenças. A IEQ Prainha possui quatro congregações.

Como já foi dito, as células acontecem na casa dos fiéis. Estes são membros das igrejas ou congregações, temos então à célula nesse contexto como extensão das igrejas. Antes do modelo celular apresentavam se como agentes, os pastores titulares, o conselho da igreja formado pelos presidentes dos grupos missionários de homens, mulheres e jovens, o diretor de patrimônio, presidente do diaconato<sup>14</sup>, coordenador da escola bíblica. Cada um dos supracitados concentravam sua atuação “eclesiástica” preferencialmente dentro da igreja. Existia um único ponto central de atuação. Conforme podemos observar no mapa abaixo:

---

11 Os grupos pentecostais creem em *revelações* que podem ser recebidas por uma pessoa que foi “batizado com Espírito Santo” e agraciada com esse dom. Assim como o fiel “fala em línguas do espírito” o “espírito” fala com o fiel.

12 BOURDIEU, Pierre. “O sentimento da honra na sociedade Cabília”. In: Peristiany, J. G. Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971.

13 Este número totaliza os frequentadores da IEQ Prainha e suas *congregações*, nos cultos realizados aos domingos.

14 Diaconato são as pessoas responsáveis pelo trabalho de organização das atividades na igreja.





pentecostais junto com o islamismo conservador, os movimentos mais vitais de nossa atualidade (BERGER, 2000).

## 2.2 *COMUNHÃO, COMER JUNTO E PRODUZIR PARENTESCO.*

Quarta feira, por volta das 19 horas, se começa a ouvir músicas gospel em algumas casas, em suas varandas, garagem ou salas. Cadeiras organizadas de forma circular, as pessoas chegam e cumprimentam-se. Então, o líder faz uma oração espontânea<sup>15</sup> para dar início à reunião. Cantam quatro ou cinco músicas, leem a bíblia e uma apostila que traz o assunto previamente escolhido que deverá ser tratado naquela reunião. Logo após o líder terminar sua explanação, compartilha a fala com os demais presentes: “agora a oportunidade é do irmão, conte sua bênção?”. Após todos terem um momento para se comunicar uns com os outros, oram novamente pelas ofertas em dinheiro, pelo lanche, é colhida a “oferta” as contribuições financeiras que cada um dos participantes traz de sua residência, e então é servido um lanche.

Essa é a estrutura recorrente em todas as células. Como dito anteriormente, as igrejas que praticam o modelo de células, veem uma retomada de práticas narradas pelo escritor do livro de Atos, Lucas ao descrever os primeiros acontecimentos pós-morte do Messias cristão, onde escreve:

E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração. Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar. (At 2: 44-47)

Esse momento histórico, visto como primeira ocasião de crescimento numérico da igreja cristã. É o tipo ideal de organização almejado pelas igrejas que praticam o modelo de células, entendem que se tiverem próximos das práticas do momento bíblico, irão conseguir o

---

<sup>15</sup> *Oração* para os evangélicos diferencia-se da *reza*. Para esses os católicos ao *rezarem* não expressão seus sentimentos, pois a *reza* é vista como mera repetição. A oração que seria espontânea e não repetida, por sua vez demonstraria o acesso direto a divindade. Essa noção é herança dos escritos de Lutero, da mesma forma que a livre leitura dos escritos bíblicos.

mesmo crescimento numérico, vivenciado pelos primeiros cristãos, *igreja primitiva* segundo o discurso cristão. Essa passagem bíblica é a principal referência para que as igrejas em células possam se legitimar dentre as demais, visto que grande parte da estrutura do modelo de células é vinculado a esse trecho. *Estar junto, compartilhar com os próximos, em casas*. Disso surgiu, para esse meio, a expressão “comunhão” a prática de algo em comum, compartilhado por “todos”. Aqui todos os participantes das células. Essa vivência, os momentos que estão juntos são chamados de *comunhão*. Nas células cada participante tem a sua disposição um momento em que poderá falar, compartilhar alguma “bênção alcançada”, um pedido de oração, um acontecimento do cotidiano, ou uma pergunta relacionada aos princípios cristãos.

Essa união é pretendida em todas as células, onde cada pessoa possa compartilhar com os demais participantes da célula que frequenta, suas experiências. Assim como todas as células da igreja possam partilhar de tal vivência. Nessa tentativa, bimensalmente reuniões ampliadas, com a participação de todas as células de uma igreja, ocorrem em uma das casas onde há uma célula, para celebrarem juntos uma “comunhão de células”; existe uma rotatividade das casas que recebem essas “comunhões”. No entanto, no bairro do Uruará onde há uma congregação ligada a igreja do bairro da Prainha, a pastora local comentou que encontrava dificuldades por não conseguir fazer uma *comunhão* entre as duas células daquela igreja, já que “os membros de uma célula não falavam com os membros da outra”, não tinham uma boa convivência.

Como citado pelo Pr. Davi Rodrigues (em entrevista transcrita no primeiro capítulo), o Conselho Nacional de Pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular por alguns anos proibiu a igreja de estar vinculada ao modelo de células, as únicas exceções são os estados do Pará e Amazonas. Visto que o modelo de células criava um reduto que poderia ser propagador de dissidência entre a igreja. Na igreja de Santa Cecília o pastor afirma que não pode “de jeito

nenhum falar em células”, pois o modelo criou ali, várias contestações e atritos. Seja por seu caráter sectário/descentralizado, já que cada líder de célula tem certa autonomia nos ensinamentos repassados em cada reunião, ou ainda por apresentar caráter ostensivo através de cobrança por resultados. Sendo necessária uma ligação que perpassa por diferentes polos de pertencimento e transcende à vinculação à mesma igreja. O que por si só, já aponta para a autonomia da célula.

A literatura antropológica das terras baixas sul-americanas aponta para uma forma própria de se ver as relações parentais, de outro modo, seríamos levados a enfatizar o não pertencimento desses povos às categorizações cunhadas pela antropologia em contextos como “os africanistas ou africanos”, “os melanésios”. Cabendo então categorizações como grupos “fluidos” ou “flexíveis”. Essa variação ou não enquadramento dos grupos ameríndios as categorias de contextos exógenos levou a elaboração de formas próprias de classificação, que tem na corporalidade e construção de pessoa noções basilares. A construção do corpo no continente sul americano, ganha status de um “instrumento *uma* atividade que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto de pensamento” (SEEGER, 1987:11). E sua constituição perpassa por processos de comunicação do corpo com o mundo, através da alimentação, sexualidade, fala e por meio de fluidos corporais como sangue e sêmen. (SEEGER, 1987).

Em observações feitas no decorrer dessa pesquisa, percebi que há momentos de comunhão que ocorrem em meio à célula que tendem a aparentar ainda mais internos. O momento do lanche como ocasião de comensalidade, da troca de fluídos e de produção de alianças duradouras. Já que a célula é o local onde pessoas são doutrinadas em uma nova perspectiva, por ocasião de um novo nascimento, são instruídos e produzidos socialmente como pessoas participantes de uma nova sociedade, como neófitos que pertencem a um momento inicial de conduta.

Assim, as células teriam momentos mais íntimos em relação à igreja, de maneira análoga a comunhão em relação às células. E já que nas células participam pessoas com menor intimidade, a comunhão seria ainda mais íntima que as células.

Células : igreja :: comunhão : célula

A escolha por uma das religiões universais, de conversão individual, como as protestantes pentecostais da qual a Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte, requer de seu declarante um momento liminar de troca de perspectiva, que o crente seja capaz de lembrar com detalhes<sup>16</sup>, o momento inicial em que a revelação foi tida.

Para isso, ocorrem etapas de adoção de uma perspectiva cristã, iniciada com uma oração de conversão, passando pelo batismo e encontros/seminários de doutrinação, esses passos ritualmente produzidos em um período de no entorno de seis meses. Assim que a conversão seja alcançada, o então novo convertido estará apto a converter novos membros.

Para Victor Turner, o processo ritual é caracterizado por três fases (separação, limiar, agregação) sendo a *liminaridade* a etapa “intermediária entre o distanciamento e a reaproximação em que as características do indivíduo que está “transitando” são ambíguas, misturando sagrado e profano, por exemplo.” (NORONHA SILVA, 2004: 3). Para um neófito pentecostal seria os momentos de recebimento da oração de conversão, que pode ser ou não um momento “tenso” com possibilidade de ocorrência, daquilo que os interlocutores chamam de “possessões”. Seguido do batismo que marca o “novo nascimento”.

Os momentos de comunhão dentro da célula serão ritualmente o momento de permanência na perspectiva, chamada pelos interlocutores de *consolidação*. O momento de comunhão é a adequação à nova perspectiva, o instante em que se aceita a perspectiva do outro e deixa de ser estranho e passa ao status de pertencente ao grupo, aquele que se come

---

16 Herança do fundamentalismo que soa estranho a uma tradição Calvinista, pela ênfase no caráter emotivo (Almeida 2004).

junto, o de casa, o parente espiritual, irmão de fé, o discípulo. O que na leitura sobre ritual seria a fase da *agregação* ao mundo religioso.

Inegavelmente o modelo de células se vale de redes de parentesco já estabelecidas, se tomarmos com exemplo a célula que ocorre na residência da senhora Ana (anfitriã) - que no mapa em que enumerei as células está numerada com o algarismo três-, multiplicou-se para a casa da senhora Regina (nova anfitriã), isto é, uma outra célula foi aberta – de número quatro no mapa.

Regina e Ana são comadres, por aquela ser madrinha de casamento da filha mais nova desta. Essa aliança de padrinagem entre Ana e Regina é anterior ao pertencimento de ambas à Igreja do Evangelho Quadrangular. O casamento da filha de Ana, ocasião que marcou a gênese dessa relação de compadrio, foi realizado em uma igreja católica, e os laços anteriores (compadrio) foram utilizados para nortear a multiplicação da célula, e abertura de uma outra célula.

Na célula que tem como anfitriã Ana, pude notar em frente à área de sua casa, há um jardim que sua dona cuida com bastante apreço, as ervas ali presentes compõem a base de outros sistemas de crenças, como o das religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda) onde as folhas (seja como plantas ou sob a forma de banhos) tem agência no mundo divino e mítico. A interação simbólica do universo protestante em conjunto com a reelaboração/incorporação de sua forma a partir de uma lógica cristã pentecostal e afro-kardecista, é uma das principais características das igrejas neopentecostais. (Almeida e Monteiro, 2001).

Dentre as ervas que fazem parte do horto da casa e célula de Ana, saltam aos olhos as espécies, pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), babosa (*Aloe vera*) e boldo (*Peumus boldus*) consideradas por certa cosmologia local e pajelança mas não somente, como plantas de força, plantas de poder, plantas mestras,

plantas professoras, que trazem proteção para o local onde são encontradas. Como nesse caso, estão na entrada da residência, agindo como escudo contra possíveis *malícias* que possam advir sobre a casa. Crenças essas que estão longe de uma cosmologia judaico-cristã. Evidenciando um fluxo de crenças entre domínios cosmológicos diferenciados.

As mudanças tanto congregacionais, demonstrado no primeiro exemplo (“co-padrinhagem católica”, e posteriormente “co-anfitriãidade protestante pentecostal”), como o fluxo de crenças presentes no segundo (uso de plantas de força) ambos são característicos do campo religioso brasileiro como aponta Almeida e Monteiro (2001), na análise do *Trânsito Religioso no Brasil* “não é nenhum absurdo supor uma trajetória que apresentasse mobilidade institucional (num processo de sucessivas “conversões”) ou a simultaneidade de vários credos” (Almeida & Monteiro 2001:100).

### **CAPÍTULO 3. OS PENTECOSTAIS NA POLÍTICA PARTIDÁRIA.**

Como afirma Ricardo Mariano (2004 & 2013) o número de cristãos pentecostais tem apresentado um crescimento vertiginoso e sua abrangência resultou em uma “inérita” corrida nas eleições presidenciais de 2010, onde os presidenciais no segundo turno percorreram o Brasil fazendo alianças com líderes dessas denominações (SANTOS SILVA, 2011) e (GONÇALVES, 2011). Mariano ao analisar o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) aponta ainda que a expansão pentecostal ocorre

de modo constante já há meio século, o que permitiu que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do país. Mas seu avanço não é expressivo apenas nos planos religioso e demográfico. Estende-se pelos campos midiáticos, político partidário, assistencial, editorial e de produtos religiosos. Seus adeptos não se restringem mais somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas. Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira. (MARIANO 2004:121)

Ainda se tratando das demonstrações da abrangência das igrejas evangélicas, podemos citar a presença na política partidária atual e sua Frente Parlamentar ou Bancada Evangélica, que conta na atual legislatura com o número de 199 deputados federais e ainda 4 senadores, um percentual superior a 38%, segundo o site oficial do congresso. Na capital do estado do Pará, temos 2 vereadores/pastores da IEQ sendo o Pr. Paulo Queiros o presidente da Câmara, atualmente em seu quinto mandato. Na cidade de Santarém, o atual presidente da câmara de vereadores Reginaldo Campos também é intimamente ligado a movimentos pentecostais e igrejas do modelo celular.

O sociólogo da religião, Peter Berger aponta que os evangélicos protestantes e os “fundamentalistas” islâmicos, são as duas forças florescentes que demonstram com mais ênfase como mundo contemporâneo é fortemente dessecularizado. A teoria da secularização, isso é, “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas” (BERGER, 2000:10).

Nessa perspectiva, o protestantismo e o islamismo demonstram a falácia de uma secularização do mundo moderno. Seria a ocupação de espaços políticos por representantes dessas igrejas do modelo celular, um exemplo do que Berger chama de falácia da secularização. Este mesmo sociólogo da religião demonstra a necessidade de “uma abordagem matizada e caso a caso” para identificarmos com mais clareza o local da religião no mundo atual; e afirma ainda que questões religiosas são cruciais para compreendermos fatos contemporâneos.

Mariz (2000) em sua análise sobre a obra de Berger afirma, que em seu último livro, esse refuta “não o processo de secularização em si, mas a crença de que a modernidade vá necessariamente gerar o declínio da religião como um todo nos diferentes níveis, tanto social quanto individual.” E conclui elucidando que nos trabalhos desse importante sociólogo da religião, autor do livro já clássico “*O dossel sagrado*” (1985), há mais continuidades que rupturas.

### 3.1 O NÓS QUE EXISTE NELES.

A democracia tende a ser um dos elementos mais característicos das sociedades ocidentais, o sufrágio universal sendo evidência de uma dominação estatuída, “lei”, “norma” seu ideal seria agir sem a influência de sentimentos ou motivos pessoais. “As associações políticas modernas constituem os representantes mais conspícuos do tipo *ideal burocrático/legal*” (WEBER, 1991:129). A atualidade da obra de Max Weber é inegável, o passo metodológico de identificar em um tipo ideal burocrático weberiano, como o caso da democracia, a presença de formas de dominação carismáticas e tradicionais é premissa básica para tentar compreender os limites e rupturas que envolvem a presença de religiosos nas esferas político-administrativas do Estado. A dinâmica social dos fenômenos religiosos, aqui analisados, nos coloca essa ambiguidade.

A ambiguidade pode ser percebida “na maneira como esses elementos e formas de relacionar se interpenetram, no âmbito dessa definição ideal de relações associativas e comunitárias; ou mesmo os interesses que se interpenetram entre relações afetivas e institucionais” (WEBER, 2000 apud FERRUGEM, 2012:180).

Márcio Goldman (2006), em seu livro “*Como Funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*”, ao analisar o sistema político atual a partir das experiências de eleitores, mais também de líderes de movimentos culturais de Ilhéus, cidade do sul da Bahia. Apresenta não apenas o ponto de vista dos nativos “mais avalia de que modo esse ponto de vista pode nos conduzir a uma apreensão propriamente antropológica do fenômeno contemporâneo da democracia” (Sztutman 2007:851).

Entre os grupos pentecostais do qual a Igreja do Evangelho Quadrangular faz parte, convive a crença de que existem demônios territoriais e hereditários agindo sobre as áreas geográficas e familiares, sendo esses demônios os responsáveis por todos os males que assolam a humanidade. E devem ser expulsos (exorcizados) para que ocorra a “libertação” de um indivíduo. Da mesma maneira, a igreja conseguindo estar em espaços em que anteriormente não conseguiria, por outrora estarem assolados por “forças malignas”, é visto como a conquista através de “atos de fé” inclusos como parte da “guerra santa”. Assim as casas que possuem uma *célula*, as ruas que são citadas nas orações, os cargos públicos que são almejados exprimem essa pretensão de conquista de espaços, que começa nas casas dos seus membros, ruas, praças e expandem-se até as assembleias legislativas.

Estes atos tornam visível as ações das igrejas através de “batalhas espirituais”, exemplo maior disto em minha opinião, são as “marchas para Jesus” passeatas organizadas em tom de protesto, por igrejas pentecostais anualmente, em diversas cidades do Brasil. Sendo exemplo de que fatos religiosos não podem ser separados do ciclo das ações habituais, e que as ações religiosas estão orientadas para este mundo (WEBER, 2000:291). A “guerra ou

batalhas espirituais”, assim com a “teologia da prosperidade” são características distintivas das atuais igrejas pentecostais (acrescidas ou não dos prefixos neo ou pós). Ater-me-ei aqui às “guerras espirituais” tanto pelo fato do recorte metodológico aqui assumido, como por entender que a “teologia da prosperidade” é encarada pelos evangélicos como uma forma de “batalha espiritual”.

A crença na existência de um mundo que vive em uma constante batalha contra seres demoníacos é expressa na bíblia cristã:

Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. (Ef. 6:12)

Nessa leitura, tais seres “espirituais da maldade” agiriam no mundo, inclusive na política, causando problemas para o país. “A solução dos problemas brasileiros estaria na eleição de fiéis para os cargos públicos. Em seus postos eles neutralizariam as ações dos demônios, trazendo assim saúde e prosperidade para todo o país.” (Siepierski, 1997:54). Essa premissa do pensamento pentecostal tem ganhado força dentro das igrejas e sua organização em “células” pode ter influenciado na conquista de alguns dos cargos públicos principalmente do legislativo e nas esferas municipais, estaduais e federais no território brasileiro, como demonstra os trabalhos de Gonçalves (2011), Copelli (2014) e Oliveira (2012).

O argumento que tento traçar aqui é similar ao que Goldman propôs a partir dos interlocutores ilheenses, os pentecostais da igreja do Evangelho Quadrangular em Santarém propõem um novo olhar à democracia representativa, posto que reproduzem no “mundo terreno” a *batalha*

travada no plano astral, [...] à eleição de fiéis para os cargos públicos, com o intuito de neutralizar as ações dos demônios, a atuação do fiel neopentecostal não fica restrita à rotina dos templos e à obediência dos preceitos deste segmento religioso: vai além. Vai às urnas. (COPELLI, 2014: 9)

E essa postura, pode se assemelhar ao que Weber menciona sobre os fatos religiosos serem consoantes a este mundo, e suas ações corriqueiras. Assim os pentecostais refletem no mundo cotidiano a luta que acreditam travar no mundo “espiritual”, as células que estão no cotidiano do fiel da igreja, reflete no cotidiano do eleitor que vai a urna. As células se transformam no palco de lutas políticas partidárias, em meio as batalhas espirituais de uma universo complexo de fatores religiosos que são comuns as igrejas pentecostais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Silva Dias (2009) e Campos (2005) é possível observar o surgimento dos pentecostalismos enquanto reelaboração de algumas doutrinas e práticas religiosas, o qual se expandiu em populações vistas como marginais em paralelo à urbanização das periferias. Em alguns casos, tal crescimento assumiu um caráter “revolucionário” como foi o caso da escolha, pelos cristãos pentecostais norte americanos, de reconhecer como patriarca dessa vertente, Willian Seymour, jovem negro, e não seu ”discipulador”, Charles F. Parhan que por seu racismo segregava Seymour o fazia assistir suas reuniões sozinho no corredor (Campos 2005).

A atuação das igrejas pentecostais no Brasil tiveram três ocasiões de *efervescência* que trouxeram formas particulares de organização e ênfase doutrinárias distintas. Esses momentos foram chamados pela literatura sociológica da religião de “três ondas do pentecostalismo brasileiro” (FRESON 1993 apud ALMEIDA, 2006:1) Ou ainda de: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo por Ricardo Mariano (2004), (Oliveira 2012) e (Silva 2007). Ronaldo Almeida (2006) em sua análise sobre as rupturas e continuidades do campo religioso protestante pentecostal brasileiro afirma:

“ainda não surgiu uma nova inflexão tão significativa no interior deste segmento que pelo menos tenha se consolidado. Não há recentemente nada mais impactante do que a mudança no final dos anos 70 e nos 80 entre os pentecostais e de forma mais alargada entre os evangélicos.” (Almeida, 2006: 2)

No entanto as igrejas no *modelo de células* que surgem e ganham visibilidade no cenário nacional no início da década de 1990, caracterizadas pela recorrência de cultos nas residências, ênfase no acompanhamento dos fiéis por outros fiéis, através do *discipulado*. Abre margem para que possamos pensar em uma “nova onda” do protestantismo brasileiro. A análise da estrutura celular dessas igrejas mostra-nos assim dois aspectos complementares:

uma forma de organização por células; e um caráter “revolucionário” dado pela fé, através de “atos proféticos”.

Tais aspectos complementares adotados na visão celular, tomados como monadas de Tarde (2007) e células assumidas como tal, exemplificam o estar no mundo em suas diferentes formas: local de evangelização, doutrinação religiosa, zona de produção de dissidentes doutrinários e ainda parte do processo eleitoral.

Delimitando o posicionamento das igrejas protestantes frente aos fluxos de credos não cristão, percebemos que o “movimento” celular é novamente originário fora do país, assim como a gênese do Pentecostalismo. Entendo as células em si como portadoras de todas as facetas dos projetos da igreja, sejam religiosos ou apenas “vestidos de religião” como aponta Mariz (2000), secularizados ou dessecularizados como aponta Berg (2000). O mapear dessas células aponta para uma noção diferenciada de postura, pois tomamos a *parte* (células) como abrangente e totalizante sobrepondo-se ao *todo*, o projeto da igreja.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALMEIDA, Ronaldo de. Traduções do Fundamentalismo Evangélico **In: WRIGHT, Robin (Org.). Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 33-54.

ALMEIDA, Ronaldo. "A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade" pp 1-16. In: F. Teixeira e R. Menezes (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas.* Petrópolis: Vozes. 2006.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, jul./set. 2001. p. 92-100.

ANDRADE, Eliana Santos. A VISÃO CELULAR NO GOVERNO DOS 12, Estratégias de crescimento, participação e conquista de espaços entre os batistas soteropolitanos de 1998 a 2008. Dissertação .UFBA. Salvador 2010.

ARGACHOF, Márcio. **G12: O fruto do engano no Corpo de Cristo.** Revisores Teológicos: Pr. Alexandros D. Meimaridis e Pr. Magno Paganelli. Estudo teológico.

BIBLIA ONLINE. Almeida Corrigida e Revisada em: <https://www.bibliaonline.com.br>.

BATESON, Gregory. *Espiritu y Naturaleza.* Buenos Aires: Amorrortu, 2002.

BERGER, Peter L. ***O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião.*** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_ A dessecularização do mundo: Uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000.

BOURDIEU. Pierre, **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: ed. UNESP, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro:** in REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CLIFFORD, James A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 4 ed. 2011.

COPELLI, Giancarlo Montagner. Neopentecostalismo E Democracia No Brasil: Entre Os Eleitos De Deus, Há Espaço Para Os Iguais Da Democracia?:in revista Juridica Direito, Sociedade e Justiça v 1 n 1 (2014): edição de 2014 disponível em <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/RJDSJ/article/viewFile/4160/2105>

DA MATTA, Roberto. O Ofício do etnólogo, e como ter Anthropological blues. Boletim do Museu Nacional. Nº 27. 1978.

\_\_\_\_\_ A casa e a rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 5 ed. 1997

ESTATUTO DA IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR. Conselho Nacional de Diretores. 2003. Disponível em <http://quadrangularbarueri.com.br/aigreja/estatuto-da-igreja> visto em 25 de 05 de 2015.

FERRUGEM, Raiana Mendes. “*Capacitação e Parcerias: novas dinâmicas e dificuldades*”. In: A trajetória da Associação de Artesãos de Novo Airão: processo de ambientalização, mediação e parentesco. Paraná : Editora Appris, 2016, pp 161-180 (prelo)

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDMAN, Marcio. “O Fim da Antropologia”. Novos Estudos CEBRAP, 89:195-211, 2011.

GOMES, Elias Evangelista. **Pastores e ovelhas os sujeitos na socialização no aprisco do Senhor.** In Ensaios etnográficos sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé: “*vem, você vai gosta!*” São Paulo. 2010

GONÇALVES, Religião e representação política: a presença evangélica na disputa eleitoral brasileira. **Revista Espaço Acadêmico.** v. 10, N. 116, p 13 a 20. 2011.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos – Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw. *A Scientific Theory of Culture and other essays*. A Galaxy Book: Oxford University Press, New York, 1960.

MARIANO, Ricardo. **MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO NO CENSO 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), p 121-138, 2004.

MAGNANI, J. Guilherme, *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 17 N 49. p. 11-29 urbana. São Paulo, Edusp/Fapesp. 2002.

MARRAS, Stelio. **“Recintos de Laboratório, Evolução Darwiniana e Magia da Obliteração Reflexões em Antropologia da Ciência e da Modernidade”**. Ilha - Revista de Antropologia, v. 15, p. 7-33, 2014.

MARIZ, Cecília Loreto. *Secularização E Dessecularização: Comentários A Um Texto De Peter Berger*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21(1): 25-39, 2000.

NORONHA SILVA, Gustavo. *Liminaridade e Communitas em Victor Turner*. Universidade Estadual de Montes Claros / UNIMONTES. maio / 2004

OLIVEIRA, Isabel Cristina Veloso de. *A teoria da escolha racional e o comportamento eleitoral neopentecostal*. *Pensamento Plural | Pelotas* [10]: 101 - 117 janeiro/junho 2012

PIERUCCI, Antônio Flávio. **“A religião como solvente – uma aula”**. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, 75: 111-127 2006.

POUTGNAT, Philippe. **O domínio da etnicidade: questões-chave**. In *Teoria de Etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/ Philippe Poutgnat e Jocelyne Streiff-Fenart* tradução de Elcio Fernandes- São Paulo: Fundacao Editora da UNESP, 1998.

SANTOS SILVA, Paolo dos. Política e religião: as eleições presidenciais de 2010. XII Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 03 a 07 de outubro de 2011.

STRATHERN, Marilyn. 2014. “Os limites da autoantropologia”. In: O Efeito Etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac&Naif, pp. 133-158.

SEEGER et al. 1987. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, in: Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero/Editora UFRJ, pp. 11-29.

SILVA DIAS, Caroline Luz. **Neopentecostalismo e “visão celular no modelo dos 12”:** **novas formas de ser protestante no brasil.** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. Pentecostalismo e Pós-Pentecostalismo. Revista Eletrônica Inter-Legere. Número 2 – julho a dezembro de 2007. Pp 1-7 disponível em: <http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/2/es01.pdf>. Acesso 14 de janeiro de 2016.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. In: Estudos Teológicos. v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SZTUTMAN, Renato. Marcio Goldman, Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política. *A política para além da política*. Revista de antropologia v 50 n 2 p 851-866. Julho-dezembro. São Paulo. 2007.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007. VELHO, G. 1978. “Observando o familiar”. In: Edson Nunes (Org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 36-46.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. Os três tipos puros de dominação legítima. In: COHN, Gabriel. *Sociologia: Max Weber*. São Paulo – SP: Editora Ática S.A., 1991.

\_\_\_\_\_. Sociologia da Religião. In: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 4ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WRIGHT, Robin. Kapfhammer,----. Introdução. In: Transformando os deuses VII: Igrejas Evangélicas, pentecostais, neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. WRIGHT, Robin. (Org.) Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 11-33.